NORDSTROM, Carolyn. 2007. *Global outlaws: crime, money, and power in the contemporary world*. Berkeley: University of California Press. 256 p.

Claudia Fioretti Bongianino
Departamento de Antropologia/UnB

Em *Global Outlaws,* Carolyn Nordstrom segue o fluxo das atividades extralegais no mundo global, procurando compreender quem faz o quê, como e por quê. Mais do que uma obra sobre criminalidade, como sugeriria o título, trata-se de um estudo antropológico sobre o comércio praticado no século XXI. A autora fundamenta seu estudo em uma fascinante pesquisa desenvolvida ao longo de três anos, durante os quais ela passou por quatro continentes – África, Europa, Ásia e América (Estados Unidos) – realizando centenas de entrevistas. Assim, é no conhecimento e nas experiências de seus interlocutores que ela encontra elucidações acerca da dinâmica, das realidades e das ilusões sobre o comércio que é realizado nas sombras da economia mundial – nas fronteiras entre o legal e o extralegal, o estatal e o extraestatal, o visível e o invisível, o ordenado e o desordenado.

A professora de antropologia da Universidade de Notre Dame (EUA) parte da constatação de que, embora a soma total das atividades extralegais represente uma parte significativa da economia e da política mundial, sabe-se muito pouco sobre como essa soma exorbitante afeta globalmente o mercado, a economia e o poder político. Nesse sentido, a autora busca compreender as intercessões entre crime, finança e poder nas atividades que criam algo de valor – produzindo capital monetário, social e cultural, além de poder, patrocínio e sobrevivência – mas que não pertencem ao domínio da legalidade, isto é, as ações ilegais, ilícitas, informais, não declaradas, não registradas e não reguladas.

Por meio de uma escrita acessível e atraente, Nordstrom narra sua jornada entre os quatro continentes e conduz o leitor pelos meandros do comércio (de armas, diamantes, cigarros, remédios, petróleo, comida), mostrando como o fluxo de mercadorias está impregnado de legalidade e de ilegalidade e como ambas estão incorporadas umas nas outras, sendo difícil estabelecer onde uma termina e a outra começa. Efetivamente, o fluxo do comércio parece não poder ser classificado ou separado de maneira dicotômica, levando a autora a optar pelo uso das expressões extra/estatais, extra/legais, in/formais, des/ordenadas e in/visíveis, para explicitar o fato de que os termos opostos que formam estas expressões fluem um dentro do outro, são definidos um em relação ao outro.

Partindo deste complexo objeto de estudo, não localizado e ambíguo, Carolyn Nordstrom constrói uma obra amplamente embasada, na qual explora, de maneira totalizante, o universo de pensamento e de ação do comércio global. Os vinte capítulos que formam a obra são breves e estão agrupados em quatro seções, as quais avançam "como um funil que se expande", garantindo que a autora fundamente sua análise no nível local para posteriormente passar ao nível global. *An expanding funel model* (:19) é exatamente o princípio que organiza o livro *Global Outlaws*, no qual cada capítulo é dedicado a um local específico no contínuo que vai desde os órfãos e os mutilados da guerra de Angola até as inter-relações transnacionais que definem o mercado global.

Já no prefácio o leitor consegue antever o que encontrará ao longo do livro: todos os capítulos, assim como os agradecimentos, as notas e o próprio prefácio, começam com uma foto. Este recurso ancora etnograficamente a argumentação desenvolvida por Carolyn Nordstrom, conferindo à obra um ar pessoal que é intensificado pelas recorrentes entrevistas transcritas e pelas descrições quase poéticas utilizadas pela antropóloga para construir sua narrativa.

Na primeira seção – "Nacional" – a foto impactante de crianças anônimas que perderam seus pais na guerra em Angola e a descrição do encontro da autora com uma delas, Okidi, são a porta de entrada do leitor para o mundo do extralegal e do cotidiano das pessoas que vivem à sombra do comércio global. Com base em sua experiência em Angola, Nordstrom. se desloca pelo fluxo de trocas econômicas que converge em Okidi vendendo cigarros nas ruas devastadas pela guerra. Unindo os pontos de um sistema invisível, ela chega a Kadonga, dono da loja que fornece Marlboro para crianças como Okidi e que comercializa também outros produtos de forma extralegal; por fim, Kadonga e Okidi (nomes fictícios, assim como a maioria dos nomes de interlocutores e de cidades presentes na obra) são conectados aos poderes político e militar que controlam a produção agrícola e o transporte no contexto pós-bélico do país africano.

Nessa seção (que é a menos fragmentada da obra), a autora mostra a maneira como a nascente economia de Angola realmente funciona, explorando as questões levantadas por esse *modus operandi* e suas implicações práticas: diferentes atores tiram vantagem ou lucram com operações comerciais extra/legais, enquanto os Estados perdem milhões em taxas; simultaneamente, essas operações contribuem para o desenvolvimento econômico do país e com frequência possibilitam a sobrevivência de pessoas cujas vidas foram abaladas pela guerra:

> A vast network stretched from this town [Moleque] out to the country [Africa]`s gem and minerals and along its precious timber and valuable agricultural resources, through troops and civilians, profiteers and thieves, and then across international borders to link into large exchange systems that operate both legally and illegally, running all the way to far-flung criminal organizations, multinational corporations, and superpower urban commodity centers (:8).

Na segunda seção de *Global Outlaws* – "Internacional" – a narração se desloca para o momento em que a autora pesquisa as paradas de caminhão nas fronteiras entre os Estados africanos. Aqui, Carolyn Nordstrom encontra na *confiança* e no *dólar* as duas chaves mestras que explicam o funcionamento dos fluxos não/regulados de lavagem de dinheiro, através dos quais os bens fluem de maneira extra/legal e extra/estatal. Com efeito, ela demonstra que as pessoas envolvidas nas atividades que estão à sombra da economia global confiam umas nas outras e nas regras implícitas do sistema; elas sabem com quem, onde e quando devem fazer negócios, dominam como explorar as fronteiras nacionais e como agir nas bordas da lei: especificamente, os informantes da antropóloga sabem que é possível transportar produtos declarados junto com produtos não-declarados, e que estes últimos têm a possibilidade de ser trocados por dólares, os quais podem, por sua vez, ser trocados por qualquer mercadoria no mundo.

Continuando sua longa jornada, na terceira e na quarta seções – "Global" e "Lar" – a professora americana segue o fluxo de trocas econômicas, o qual converge em Okidi, mas desta vez ela explora também aquele que converge nos caminhoneiros, demonstrando que esse fluxo se desloca em negociações sem fim, passando pelos portos e pela indústria de navegação mundial, até chegar às poderosas redes transnacionais que atravessam continentes e oceanos. Em especial, ao viajar como carga humana em um navio, ela tem a oportunidade de ver o mundo do comércio da maneira como as mercadorias, os comerciantes e os contrabandistas sempre viram o mundo:

> For them, the world is not neatly divided into sovereign states easily identified as unchanging landmasses with distinct borders and even more distinct rules, laws and regulations. Goods move . In the world of trade, goods have their own kind of sovereignty (:115-116).

É particularmente nestas duas últimas seções que Nordstrom revela as ilusões e as realidades das ideias de Estado, cultura e segurança que permeiam o transporte e o comércio mundial. Em especial, é nestas seções que a autora ilumina difíceis problemas éticos postos por essas atividades extralegais, questionando sobre quem os criminosos realmente são e por que algumas ilegalidades e informalidades são taxadas de criminosas e outras não. Como fica claro no caso do comércio extralegal de medicamentos: "Why do the police and the policies focus on illegal narcotics when the problems of substandard pharmaceuticals produce greater suffering, death and disease?" (:136). Além disso, a argumentação desenvolvida em *Global Outlaws* deixa claro que a maioria das pessoas que participam do mundo extralegal não vê a si mesma como criminosa, como contrabandista e como alguém que realmente infringe a lei.

Ao mesmo tempo, porém, a terceira e a quarta seções são as mais fragmentadas do livro. Os capítulos 13, 14 e 15 parecem estar fora de lugar e, talvez, pudessem ser melhor amarrados se fossem incluídos na quarta seção. Assim, a terceira seção focaria mais diretamente a maneira com que o fluxo de trocas econômicas converge na indústria de navegação marítima, e a quarta explicitaria a forma como ele converge em uma miríade de pontos locais, deslocando-se em negociações sem fim até os impérios econômicos globais.

Embora nem sempre bem articulada, a argumentação desenvolvida por Carolyn Nordstrom é extremamente eficaz em levantar uma série de questões importantes, apontando para os riscos de se pensar o mundo de maneira estática. Com efeito, a criminalidade e a insegurança não são exceções à regra, todas as pessoas ultrapassam a linha da legalidade, de uma forma ou de outra, em um ponto ou outro de suas vidas; o lucro extralegal tem também consequências positivas; os Estados e suas legislações nem sempre têm relevância; as trocas não são lineares; as distâncias espaciais e temporais são ilusórias. Estes aspectos conformam uma parte (conscientemente mantida) invisível do poder mundial, e conhecer tais aspectos é a única maneira de acessar esse poder.